

VISÃO DO EMPRESARIADO BRASILEIRO E AS PREOCUPAÇÕES AMBIENTAIS COM A CHINA CONTEXTUALIZADO COM A CADEIA DE VALOR (CGV)

EDMIR KUAZAQUI

MARCELO ROCHA E SILVA ZOROVICH

ESCOLA SUPERIOR DE PROPAGANDA E MARKETING - ESPM

Introdução

Os negócios internacionais e a Cadeia Global de Valor (CGV) são fundamentais, dentro dos preceitos da Governança Ambiental, Social e Corporativa (ESG). Por meio destes propósitos, a empresa pode contribuir para o desenvolvimento de negócios, produtos, serviços e soluções mais sustentáveis, contribuindo de forma mais efetiva para a Sociedade. Essas iniciativas representam uma nova forma de fazer negócios, perfazendo a imagem corporativa institucional. O estudo está contextualizado com o mercado chinês, em virtude de sua representativa nas relações internacionais.

Problema de Pesquisa e Objetivo

O problema de pesquisa consiste em analisar como o empresariado brasileiro entende a Cadeia Global de Valor contextualizada com a sustentabilidade ambiental. Como foco, a China, dada a sua relevância no cenário internacional na realidade atual. A triangulação foi selecionada como vertente de pesquisa, no sentido de obter resultados mais concretos sobre o problema. De forma em geral, a Governança Ambiental, Social e Corporativa (ESG) têm sido o centro das atenções nos negócios, devido às consequências e impactos no planeta, bem como tema valorizado junto ao mercado consumidor.

Fundamentação Teórica

Hopkins e Wallerstein (1986) analisaram as cadeias globais de commodities, onde rastreavam a origem de insumos e respectivos caminhos que os transformavam em produtos finais. Gereffi e Korzeniewicz (1994) complementam os estudos incorporando as empresas como participantes atuantes dos sistemas produtivos mundiais. Influenciam o volume e qualidade dos produtos e serviços que circulam pelo mundo, contribuindo para o desenvolvimento econômico e social. Como ponto de reflexão, tanto a produção até o consumo podem impactar no meio ambiente, sendo uma preocupação de destaque contemporânea.

Metodologia

A vertente foi a triangulação. Como métodos, foram selecionadas as entrevistas qualitativas de profundidade e survey e experimento de pesquisa como formas de contextualizar as linhas teóricas das investigações bibliográficas e documentais. As entrevistas qualitativas foram realizadas no sentido de compreender os fenômenos no contexto das variáveis envolvidas, incluindo a percepção dos entrevistados quanto às influências dos fatores ambientais na Cadeia Global de Valor (CGV). A pesquisa quantitativa foi realizada para analisar as empresas que realizam as operações entre Brasil e China

Análise dos Resultados

Parcela significativa demonstrou provas de que os entrevistados apoiam as negociações com a China. No entanto, salienta-se a preocupação em relação a como as operações com as empresas chinesas impactam no meio ambiente. Desta forma, negócios que participam das relações internacionais e inseridas na Cadeia Global de Valor (CGV) consideram ser de grande importância o desenvolvimento de práticas que visem a manutenção do meio ambiente, bem como a adoção de uma gestão mais eficiente, eficaz e efetiva, tanto quanto aos processos produtivos, bem como dos recursos e consumo final.

Conclusão

Dentro de uma visão mais ampla e das teorias discutidas neste artigo, têm-se a preocupação não somente de estar desenvolvendo negócios de acordo com a relação de demanda e oferta, mas sim estar integrado os negócios dentro de uma visão de sustentabilidade ambiental, considerando empresas brasileiras como stakeholders verdadeiros e integrados aos objetivos de negócios, bem como adequados aos enquadramentos sociais e ambientais. A Governança Corporativa, a preocupação ambiental e a Governança Social exercem importantes contribuições para o desenvolvimento econômico, social e ambiental.

Referências Bibliográficas

GEREFFI, G.; KORZENIEWICZ, M. *Commodity Clains and Global Capitalism*, Praeger, Westport, 1984. HOPKINS, Terence K.; WALLERSTEIN, Immanuel. *Commodity chains in the World-Economy Prior to 1800*. Disponível em . New York: Research Foundation of State University of New York, 1986. UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT (UNCTAD). *Global supply chains: trade and economic policies for developing countries*. Policy issues in international trade and commodities. UNCTAD/ITCD/TAB/56, 2013. (Study Series, n. 55).

Palavras Chave

China, Meio Ambiente, Cadeia Global de Valor (CGV)

VISÃO DO EMPRESARIADO BRASILEIRO E AS PREOCUPAÇÕES AMBIENTAIS COM A CHINA CONTEXTUALIZADO COM A CADEIA DE VALOR (CGV).

Resumo

O artigo analisa a visão do empresariado brasileiro frente ao mercado chinês e contextualizado com as preocupações ambientais que movem o mundo. As relações comerciais entre países estão contextualizadas com a Cadeia Global de Valores (CGV), que estabelece relacionamentos e responsabilidades entre os *stakeholders* de diferentes países. Para a construção de conceitos, utilizou-se a análise bibliográfica e documental. Por meio da triangulação, procurou-se entender melhor a importância e relacionamentos da Governança Corporativa, Sustentabilidade Ambiental e Governança Social com a CGV, além do perfil das empresas brasileiras que realizam negócios com a economia chinesa. Como regra geral, as operações que permitem a produção e comercialização entre países influenciam sobremaneira no meio ambiente, social e econômico. Portanto, deve-se preocupar como os negócios devem ser estruturados, de forma a atender os preceitos do *Triple Bottom Line*, Objetivos de Desenvolvimento Sustentado (ODS) e, principalmente, os Consumidores.

Palavras-chaves: China, Meio Ambiente, Cadeia Global de Valor (CGV).

Introdução:

O mercado internacional contribui cada vez mais para a entrega de valor aos consumidores de um determinado negócio, de uma empresa ou de atividades ao longo do processo produtivo. Cada participante deve contribuir, dentro de suas responsabilidades, *expertises* e limites, para que os processos se consolidem e se transformem naquilo que será o objeto de desejo do mercado. Entretanto, para que esse sistema se consolide, é necessário entender que existe o consumo consciente de recursos estratégicos e não-renováveis, além de práticas que visem atenuar os seus impactos.

Neste sentido, os negócios internacionais e a Cadeia Global de Valor (CGV) são fundamentais, dentro dos preceitos da Governança Ambiental, Social e Corporativa (ESG). Por meio destes propósitos, a empresa pode contribuir para o desenvolvimento de negócios, produtos, serviços e soluções mais sustentáveis, contribuindo de forma mais efetiva para a Sociedade. Essas iniciativas representam uma nova forma de fazer negócios, perfazendo a imagem corporativa institucional.

Desta forma, o problema de pesquisa consiste em analisar como o empresariado brasileiro entende a Cadeia Global de Valor contextualizada com a sustentabilidade ambiental. Como foco, a China, dada a sua relevância no cenário internacional na realidade atual. A triangulação foi selecionada como vertente de pesquisa, no sentido de obter resultados mais concretos sobre o problema. De forma em geral, a Governança Ambiental, Social e Corporativa (ESG) têm sido o centro das atenções nos negócios, devido às consequências e impactos no planeta, bem como tema valorizado junto ao mercado consumidor.

Por outro lado, no contexto das relações sino-brasileiras, o tema está relacionado com questões que preocupam o empresariado que atua no Brasil, relacionando questões comerciais e de investimento estrangeiro direto, sobretudo no que diz respeito às preocupações ambientais ligadas à China. Quando são lembrados do tratamento que o país dá às questões ambientais ao relacioná-las ao investimento estrangeiro direto (IED) e ao comércio. Neste ínterim, o problema de pesquisa será tratado na metodologia.

Metodologia

A vertente selecionada foi a triangulação, envolvendo a pesquisa qualitativa, no sentido de compreender os fenômenos no contexto das variáveis envolvidas, incluindo a percepção dos

entrevistados quanto às influências dos fatores ambientais na Cadeia Global de Valor (CGV), bem como na comunicação das ações e estratégias corporativas. Por outro lado, a pesquisa quantitativa visa identificar o nível e intensidade dos conhecimentos e grau de importância das variáveis citadas.

Como métodos, foram selecionadas as entrevistas qualitativas de profundidade e uma *Survey* e experimento de pesquisa como formas de contextualizar as linhas teóricas das investigações bibliográficas e documentais. A amostra para a pesquisa qualitativa será não-probabilística por conveniência, caracterizada por uma população com formação mínima de pós-graduação e experiência profissional de pelo menos dez anos.

No contexto das relações sino-brasileiras, a metodologia teve como base a aplicação de uma *Survey* e experimento de pesquisa, com 312 respostas válidas obtidas, neste caso representadas por executivos *C-level* e outros tomadores de decisão do setor privado brasileiro, considerando empresas de distintos setores da economia brasileira (ZOROVICH, 2020).

Como tal, os entrevistados foram alocados aleatoriamente em 3 (três) grupos diferentes (Grupo A: Controle; Grupo B: Positivo Tratamento e Grupo C: Tratamento Negativo), e todos responderam exatamente às mesmas perguntas, exceto a última, como será demonstrado abaixo. Assim, utilizou-se o Grupo A como neutro e, em seguida, os Grupos B (tratamento positivo) e C (tratamento negativo). Dentro do experimento, as Hipóteses H1a e H1b seguem abaixo com suas respectivas variáveis independentes.

Tratamento positivo (Grupo B):

H1a: informações sobre a estratégia global da China e seus investimentos no Brasil aumentam a propensão dos executivos ao apoio ao comércio e investimentos

Variável Dependente (DV): suporte para comércio e IED chinês

Variáveis Independentes (IV): informações sobre a estratégia global da China e seus investimentos no Brasil

Tratamento negativo (Grupo C):

H1b: As violações ambientais chinesas tendem a diminuir o apoio a negociações, comércio e acordos de investimento com a China

Variável Dependente (DV): negociações, acordos comerciais e de investimento que favorecem o IED chinês

Variáveis Independentes (IV): violações ambientais chinesas

A questão de pesquisa e hipótese foi compreender se havia ou propensão do setor privado brasileiro a negociar, aderir e apoiar acordos comerciais e/ou investimentos com a China que pudessem fomentar a atração de estrangeiros chineses para o Brasil. Como argumentaram Sennes e Barbosa (2011, p.133), a relação sino-brasileira pode ser caracterizada pela heterogeneidade de impactos. Eles afirmam que a China se apresenta simultaneamente como: “a) fornecedor de insumos baratos que aumentam a competitividade dos produtos brasileiros, tanto para o mercado interno como para as exportações; b) concorrente que utiliza estratégias agressivas e às vezes contrárias às normas internacionais regras comerciais, deslocando elos importantes da cadeia produtiva nacional; c) concorrente mais eficiente do Brasil em alguns setores, dentro das regras do comércio internacional; d) grande importador de algumas commodities, ajudando a manter o superávit comercial do Brasil em esses setores, e; e) crescente investidor no Brasil em setores tanto de bens de consumo quanto de infraestrutura, mineração e energia, com predominância desta última”.

A questão ambiental também fez parte desta agenda de pesquisa, levantando questões como a relação entre IED e comércio, seus impactos sustentáveis e questões ambientais. Nesse sentido, por exemplo, Ferreira, Barbi e Giesbrecht (2016) discutem a trajetória com a qual Brasil e China se depararam com questões ambientais. Esses autores postulam que “questões ambientais, bem como questões de governança da terra, tornaram-se um tópico global de debate durante os últimos cinquenta anos. Assumindo diferentes rostos em todo o mundo, como mudanças climáticas, destruição da camada de ozônio, caça à baleia e assim por diante, as questões ambientais não apenas mobilizam a sociedade civil e setores da mídia, mas governos e cientistas de todos os lugares do planeta” (FERREIRA, BARBI E GIESBRECHT, 2016).

Como parte disso, as violações ambientais chinesas estão intrinsecamente ligadas a esta agenda de pesquisa ao relacioná-los ao IDE e ao comércio, bem como ao público e preocupações dos setores (CIFOR, 2013; IISD, 2016; WTO, 2020 ; NESREA, 2020), embora muitos autores afirmem que a China tem feito esforços significativos e implementado políticas para isso (MACBEAN, 2007; HUANG et al., 2010; MANAGI E KANEKO, 2010; OLIVEIRA, 2011; FERREIRA E BARBI, 2013).

Cadeia Global de Valor (CGV).

Inicialmente, Hopkins e Wallerstein (1986) analisaram as cadeias globais de commodities, onde rastreavam a origem de insumos e respectivos caminhos que os transformavam em produtos finais. Gereffi e Korzeniewicz (1994) complementam os estudos incorporando as empresas como participantes atuantes dos sistemas produtivos mundiais.

Dentro desta nova realidade, Bair e Gereffi (2001) incorporam a ideia que nessas cadeias existem atividades interligadas por relacionamentos entre os diferentes participantes, em nível doméstico e internacional.

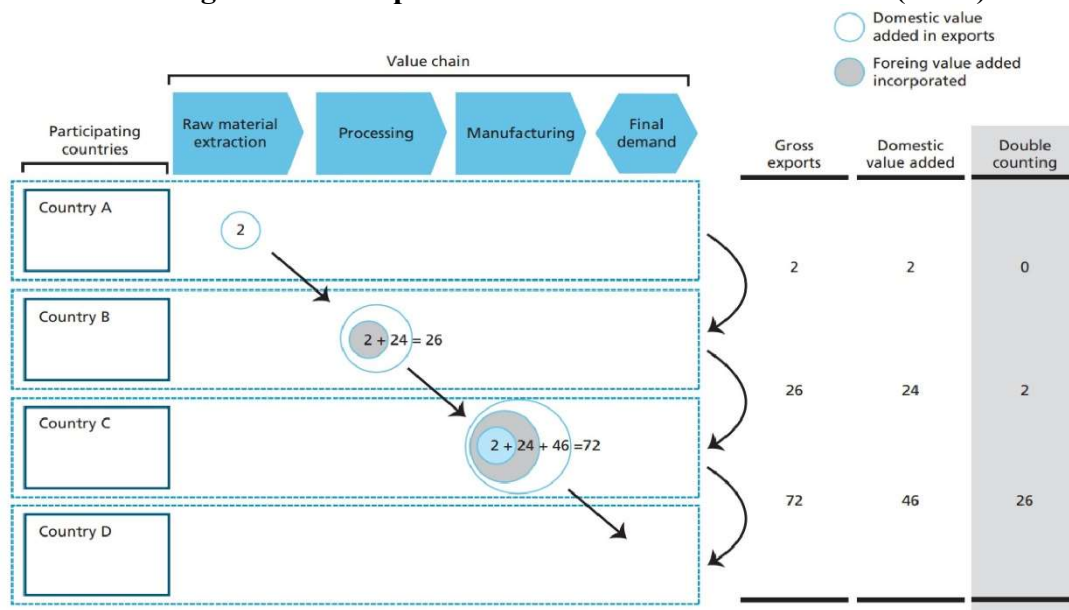
Com o aprofundamento da globalização econômica, o termo evolui para a de Cadeia Global de Valor (CGV), num sentido mais complexo de ser um conjunto integrado de atividades que as empresas desenvolvem, desde a concepção, produção e oferta de um produto final, onde cada *stakeholder* desempenha importantes funções e responsabilidades, no sentido de agregar valor ao consumidor final, a cada etapa do processo.

As Cadeias Globais de Valor (CGV), segundo a UNCTAD (2013) se estruturam de formas diferentes, dependendo de três fatores principais:

- (a) A geografia e respectivos relacionamentos entre os seus integrantes, onde a fragmentação de processos produtivos dependem de custos de produção e comércio, e como estes podem ser reorganizados de forma a poder participar da respectiva cadeia produtiva.
- (b) A distribuição de categorias de empresas que desempenham as principais funções na cadeia produtiva. Essas categorias podem estar relacionadas como fornecedores de matéria-prima e serviços, bem como empresas centralizadoras de produção, como por exemplo uma montadora de automóveis e seus respectivos fornecedores e distribuidores.
- (c) O papel das instituições governamentais e respectivas políticas que são desenhadas para o desenvolvimento de relações comerciais entre as partes intervenientes.

Trata-se, portanto, de um processo complexo que envolve, entre outros fundamentos importantes, a Teoria das Firmas e a Teoria dos Contratos, além do Direito Internacional, Direito Empresarial, entre outros.

Figura X – Componentes da Cadeia Global de Valor (CGV).



Fonte: UNCTAD (2013).

Para os países em desenvolvimento, a adesão na Cadeia Global de Valor (CGV) possibilita um desenvolvimento mais integrado, contextualizado nas políticas de comércio exterior. Permite quem empresas tenham de se ajustar aos padrões internacionais, incluindo a intensidade tecnológica e a qualidade necessária para atender o mercado. Como desdobramentos, a melhoria da capacidade produtiva, a diversificação de bens exportáveis, com incremento das receitas das empresas, aumento de impostos e empregos.

Governança Ambiental, Social e Corporativa.

O conceito de *Triple Bottom Line*, conforme Elkington em 1994 e citado por Slaper & Hall (s/d), está diretamente relacionado aos conceitos de sustentabilidade e desenvolvimento sustentável contextualizado ao escopo empresarial. Uma organização, para bem desempenhar suas funções e objetivos sociais necessita utilizar recursos diversos, que pode ocasionar impactos no meio ambiente e conseqüentemente na sociedade. O tripé é lastreado por três pilares detalhados a seguir:

- Pessoas**, relacionado à responsabilidade social das empresas, tanto sob o ponto de vista de seu público interno, bem como estendido para a comunidade. Envolve a adoção de boas práticas, como a obediência às leis trabalhistas, remuneração justa entre os gêneros e faixas etárias, programas de inclusão social e diversidade, entre outras. A qualidade do meio ambiente afeta também a produtividade do público interno de pessoas. O bem-estar da população é uns principais objetivos inteligentes de qualquer negócio que deseja ter o sucesso e perpetuidade.
- Planeta**, relacionado às questões ambientais e como suas práticas, como as de produção, influenciam o equilíbrio e a qualidade do ambiente onde a empresa e comunidades onde estão inseridas. Envolve, entre outros aspectos, o uso equilibrado de recursos naturais, o descarte de resíduos de qualquer gênero, bem como a emissão de poluentes. Pode-se afirmar que o planeta é o meio onde residimos e deve-se manter o seu bom equilíbrio para garantir a qualidade presente e futura das próximas gerações.
- Lucro**, não relacionado somente ao decorrente da atividade econômica fim da empresa, mas no sentido mais amplo da governança corporativa, responsabilidade fiscal, boas práticas financeiras que conduzam a resultados concretos, porém com um viés social.

A responsabilidade das empresas e gestores não se limita somente sobre os resultados financeiros, mas em toda a extensão da Cadeia de Valores.

Os pilares contribuem significativamente para que a empresa possa desenvolver seus negócios de forma sustentada, contribuindo tanto para os investidores, bem como todos os *stakeholders* envolvidos, incluindo o seu público-alvo. O equilíbrio envolve a utilização de recursos renováveis e não renováveis, bem como de boas práticas que permitam a sua perpetuidade de negócios, tanto como negócio, bem como um gerador de empregos, impostos e benefícios. Possibilita que os *stakeholders* possam ser avaliadas pela comunidade e então passíveis de gestão de recursos e práticas que possam contribuir para o bem-estar social a partir de práticas sustentáveis. Contribui também para o fortalecimento de posicionamento e imagem institucional favorável. Desta forma, existem segmentos de investimentos voltados para este segmento de negócios, como formas de gestão condicionadas à Governança Ambiental Social e Corporativa (ESG).

Além dos três pilares, a Agenda 2030 das Organizações das Nações Unidas (s/d) preconiza princípios como Pessoas, Planeta, Paz, Parcerias e Prosperidade, que substanciam os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentado (ODS) e suas 169 metas, no sentido de tornar um mundo mais justo, digno, inclusivo e sustentável.

Tanto os pilares como as ODS se inter-relacionam com as políticas industriais e consequente Cadeia Global de Valor (CGV), bem como das consequências e impactos dos resultados de negócios.

China.

Conforme o The World Bank (2022), o PIB chinês representou 18% da economia global em 2021, sendo um dos principais fatores de crescimento da corrente de comércio internacional nos últimos anos. Conforme a *Trading Economics* (s/d), o PIB chinês foi US\$.17.734.06 bilhões, cuja composição geral (pois a estrutura do país possui mais de 500 setores econômicos) foi a Manufatura (37,8%), Serviços (54,5%) e Agricultura (7,7%), em decorrência da área territorial, práticas na agricultura de subsistência e recursos produtivos com menores custos, como mão-de-obra e recursos naturais, como a prata, alumínio, petróleo, fósforo, ferro e estanho, por exemplo.

Segundo as Nações Unidas (s/d), em 2021 o comércio internacional fechou em US\$.28,5 trilhões, onde a corrente de comércio exterior chinês participou com US\$6,05 trilhões.

A indústria chinesa utiliza uso de tecnologia de ponta com baixa utilização de mão-de-obra, em conjunto com as unidades produtivas tradicionais, com baixa tecnologia e mão-de-obra intensiva. Essa estratégia balanceada possibilita a gestão assertiva de recursos econômicos e humanos, de forma a garantir um nível de empregos satisfatório e equilíbrio econômico e social do país. O mesmo ocorre quanto às práticas de comércio exterior e internacional, onde é frequente os superávits na Balança Comercial.

Dado ao exposto, é indiscutível a relevância do mercado chinês na economia global, como fonte de recursos produtivos para outras nações (importações), como a matéria-prima para as vacinas e outros produtos, bem como destino, por meio de exportações.

Desta forma, qualquer variação positiva ou negativa nos volumes transacionados interfere nas relações comerciais internacionais e respectivas economias entre os países envolvidos. A China é considerada como importante *stakeholder* na Cadeia Global de Valores (CGV), devido a sua representatividade em volumes e valores, bem como a dependência de muitas economias.

Conforme comentado, essas cadeias se estruturam de três formas diferentes e a China é contemplada pela sua extensão territorial, mão-de-obra intensiva e demais recursos que favorecem sua participação atuante na Cadeia Global de Valor (CGV) de muitos segmentos econômicos.

Conforme a *Global Carbon Project* (s/d), o país foi responsável por 31% das emissões de CO₂ em 2021 no mundo. Torna-se clara também os impactos ambientais em decorrência dessa expressiva participação, não podendo somente culpar a economia chinesa pelos efeitos negativos ambientais, porém somente analisar a situação onde esta se postula como uma das grandes locomotivas de negócios internacionais.

Outro contraponto importante é que o período de emissão de poluentes em decorrência das atividades industriais é relativamente menor, se considerar a presença industrial de outras nações, que contribuem há mais tempo para o efeito estufa.

A problemática está contextualizada com o mito do desenvolvimento econômico (FURTADO, 1974), teoria a ser discutida mais intensamente a partir da década de 1970 quando houve a percepção das consequências dos impactos ambientais no planeta a partir dos sistemas vigentes, com o objetivo de constantes crescimentos econômicos.

Em síntese, as discussões envolvem os impactos ambientais a partir do crescimento econômico desenfreado ou a exclusão social pela diminuição do ritmo de desenvolvimento econômico e social das nações.

Essa discussão se torna mais complexa, se considerar que o mapa global é constituído por economias emergentes e em desenvolvimento, menos preparadas para o equilíbrio entre as atividades industriais e práticas consideradas sustentáveis.

A contribuição da economia da China em relação a poluentes, em especial o CO₂, representa em torno de 25%. Comprometeu-se a reduzir as emissões de CO₂ entre 60% e 65% do seu Produto Interno Bruto (PIB), contextualizado em sua Contribuição Nacionalmente Determinada (NDCs), até 2030.

Kee & Tang (2015) atestam que a China iniciou o seu processo de aderência inicial e posterior desenvolvimento por meio das etapas de montagem nas Cadeias Globais de Valor. A integração evoluiu para uma participação maior na referida cadeia, por meio de oferta de produtos finais, substituindo importados e focou também a sua produção em sua demanda interna.

Hummels, Ishii e Yi (2001) sustentam que para participar com eficiência na Cadeia Global de Valor (CGV) países adicionam valor ao processo produtivo com insumos próprios e importados, bem como com as etapas do processo de produção executadas interna e externamente, de acordo com as características das cadeias, bem como das oportunidades detectadas.

Com a necessidade de competitividade internacional, frente principalmente aos Estados Unidos da América e mercado europeu, intensificou práticas no sentido de melhorar a produtividade em todas as etapas de produção, bem como daquelas derivadas das Cadeias Globais de Valor que participa. Uma das mais conhecidas se refere ao segmento farmacêutico, focado em insumos como o Ingrediente Farmacêutico Ativo (IFA).

Questões ambientais da China relacionadas ao IED e ao comércio

A expansão econômica chinesa desde 1978, consumo de energia, escassez de terras aráveis e poluição causam impactos e preocupações para o controle ambiental em todas as sociedades, tanto no país quanto no exterior (BECK, 1998; GIDDENS, 2000; ZHANG, 2011; GONG, 2013).

Uma ampla literatura relaciona o investimento direto externo chinês, o comércio e seus impactos sustentáveis. As violações ambientais fazem parte dessa agenda. O assunto abrange uma combinação de fatores. Como parte disso, “infraestrutura e desenvolvimento econômico, conexões da indústria, competição de mercado, tecnologia, transferência de conhecimento e habilidades, busca de recursos, criação de emprego e suas condições, bem-estar dos moradores locais, poluição e destruição de ecossistemas, energia renovável, bem como fornecimento de bens ou serviços ocasionalmente abaixo do valor de mercado” (CIFOR, 2013; IISD, 2016). Do ponto de vista da OMC, o Comitê de Comércio e Meio Ambiente também foi dedicando atenção

às revisões ambientais em geral desde 1996, e mais intensamente desde 2001 (OMC, 2020). Coincidentemente ou não, 2001 foi o ano da entrada chinesa no OMC (apud Zorovich, 2020). As violações ambientais levantam várias questões, tais como : “ fumaça ou outras emissões de instalações industriais locais; adulteração de sistemas de controle de emissões ou de ar condicionado em automóveis; tratamento, armazenamento ou descarte inadequado de resíduos perigosos; ultrapassagem dos limites de poluentes em estações de tratamento de águas residuais públicas; dragagem ou enchimento não autorizado de águas e zonas húmidas; qualquer atividade industrial não permitida; ou despejo noturno ou qualquer atividade criminosa, incluindo falsificação de relatórios ou outros documentos” (NESREA, 2020).

Sobre os impactos ambientais, a literatura menciona “as preocupações dos comunidades, bem como o governo em relação às operações chinesas no exterior, predominantemente Investimentos chineses nos setores de recursos naturais, infraestrutura e agricultura”. Chinês atividades madeireiras ilegais também levam a efeitos devastadores sobre o meio ambiente local. Os investimentos realizados por empresas chinesas no exterior costumam ser problemáticos. Sob interno e pressão externa, as empresas chinesas começaram a perceber a importância de proteção e gestão ambiental e publicaram voluntariamente políticas internas ou cooperar com a sociedade civil na proteção do ambiente. A China já é líder global investidor em infraestrutura de energia renovável, e está aumentando seus investimentos externos em energias renováveis, principalmente solar e eólica. A literatura identifica os seguintes elementos contribuindo para esta tendência: a capacidade de fabricação doméstica da China, o apoio político e a consideração da própria reputação (GLOBAL WITNESS, 2009; MANAGI, KANEKO, 2010).

Resultados da Pesquisa Qualitativa.

A qualificação da amostra referente à parte da CGV envolveu 20 respondentes. Quanto ao gênero, 14 são do sexo masculino (70%) e 6 do sexo feminino (30%), acima de 30 anos de idade. Todos os respondentes com pós-graduação, sendo 12 com mestrado e doutorado (60%) e 8 com *lato sensu* (40%). Quanto à atuação profissional principal, todos têm certo nível de relacionamento com o mercado internacional, com foco em docência no ensino superior (8, 40%), empregado do setor privado (6, 30%) e consultoria (6, 30%). Em relação ao tempo de experiência profissional, têm-se 4 (20%) entre 10-20 anos, 4 (20%) entre 20-30 anos e 12 (60%) acima de 30 anos. Quanto ao tipo de responsabilidade, 4 (20%) afirmam ser do nível operacional, 8 (40%) afirmam não se enquadrar nas categorias indicadas e 8 (40%) afirmam estar no nível estratégico.

Em relação de como a Governança Corporativa se relaciona com a Cadeia Global de Valores (CGV), houve o consenso de sua importância como principal norteador do planejamento, envolvendo todo o processo estratégico de curto, médio e longo prazo. Dessa forma, a CGV pode ser consolidada em bases mais sólidas, favorecendo, entre outros aspectos, o planejamento produtivo e financeiro. Esse favorecimento está relacionado, desde a identificação e implantação de processos, bem como nas estratégias que conduzam aos melhores resultados, além da manutenção das boas práticas necessárias para o desenvolvimento do negócio. É fator primordial de agregação de valor e de aceitação do produto/serviço da empresa em diferentes mercados domésticos e internacionais. A governança promove uma maior maturidade frente aos desafios do mercado, representando um fator consolidador para a boa imagem social e, conseqüentemente, a econômica. Consolida o compromisso do negócio para os outros negócios.

A Sustentabilidade Ambiental, contextualizada com a Cadeia Global de Valores (CGV), deixa de ser uma bandeira das empresas e ambientalistas, para se transformar em uma necessidade social e econômica. Sua conscientização auxilia a conservação de recursos naturais de qualquer tipo, onde a sustentabilidade ambiental se torna a premissa básica para

qualquer negócio. É fundamental para agregar valor a partir principalmente dos processos produtivos. A sustentabilidade ambiental é imprescindível atualmente para o comércio internacional, cada vez mais as empresas sobretudo da Europa exigem um conjunto de ações para manter e desenvolver negócios entre empresas e países. Controle de desmatamento, preservação dos rios, nascentes, redução de uso de agrotóxicos, controle de poluentes, entre outros.

A Governança Social contextualizada a Cadeia Global de Valores (CGV) deve ser aplicada de forma institucional para que haja uma conscientização tanto no meio produtivo quanto no foco no consumo, no sentido de integrar a demanda e oferta, prestigiando empresas e entidades que cumpram o seu papel social, produtivo e ambiental. Permite a solidificação de uma imagem institucional mais sólida, a partir de imagem de empresa com maior consciência das responsabilidades perante a sociedade e mercado. Completa a tríade da transparência e sustentabilidade e vida a estimular a participação de todos os seres humanos na sociedade, com acesso aos direitos básicos e sem discriminação de gênero, etnia, religião, etc.

Dentre os *stakeholders* mais relevantes na Cadeia Global de Valores (CGV) e relacionada com o fator sustentabilidade, têm-se os consumidores, as unidades produtivas, fornecedores de matéria-prima e serviços, as instituições governamentais, distribuidores, fornecedores de serviços, instituições de ensino superior e organizações não-governamentais.

Caso a empresa se preocupe com a Sustentabilidade Ambiental e Social na Cadeia Global de Valores, como ela pode divulgar para os diferentes públicos de forma a criar uma imagem institucional positiva da empresa por meio de informações claras e objetivas nas embalagens de seus produtos. Também utilizando campanhas de marketing e ajudando na conscientização do uso racional dos insumos naturais e manufaturados. Estando próximo do público na mídia e nas redes, onde se dá a maior exposição e transparência. Dar publicidade às ações que envolvem sustentabilidade nos processos ajuda na construção positiva além de incentivar ações parecidas por parte de outras empresas, com efeito multiplicador. Por meio de ações positivas, conscientização e uso de comunicação tradicional e virtual, desde que reflitam objetivos e preocupação real da empresa e não como "propaganda enganosa".

Considerando os componentes do *Triple Bottom Line* contextualizado com a Cadeia Global de Valores (CGV), têm-se como grau de importância o econômico (1º), social (2º) e ambiental (3º), justificando, pois, em se tratando de empresas, estas devem ter resultados econômicos e financeiros, que gerem empregos e impostos e, conseqüentemente, oportunidades de poder contribuir também para ambiental. Porém, a visão é que os três componentes estejam devidamente alinhados e equilibrados de acordo com a realidade de cada mercado.

Dentre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) sob a ótica da Cadeia Global de Valor, têm-se como mais relevantes a Saúde e Bem-Estar, Energia limpa e acessível, Água potável e saneamento, Trabalho decente e desenvolvimento econômico, Indústria, inovação e infraestrutura e, finalmente Cidades e comunidades sustentáveis.

Considerou-se a China como uma das nações que mais influenciam o meio ambiente, muito em virtude de sua robusta participação no mundo. Entretanto, como contraponto, foram também ressaltadas economias como a norte-americana e a União Europeia.

Resultados da Pesquisa Quantitativa.

No que diz respeito à *Survey* e ao experimento de pesquisa, os resultados foram encorajadores do ponto de vista estatístico e inovadores do ponto de vista do *design* da pesquisa. Primeiramente, sob a perspectiva de sua variabilidade, a pesquisa contou com entrevistados executivos *C-level* e outros tomadores de decisão de 19 estados do Brasil, juntamente com uma variedade de setores e empresas de diferentes países de origem, além de tamanhos variados de

receita (apud Zorovich, 2020). Como mostra a Figura 1, há maior concentração de respondentes no Sudeste e Sul do Brasil (91%) (apud Zorovich, 2020).

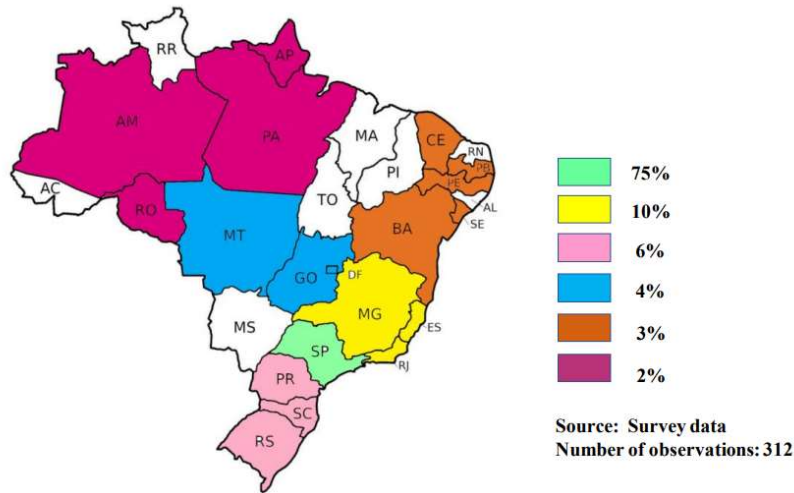


Figura 1 : Distribuição dos respondentes - % por Estados da Federação
Fonte : Survey data (apud Zorovich, 2020)

57% das respostas correspondeu ao grupo formado por executivos *C-level*, principalmente Chief Executive Officer (CEO), Presidentes, Vice-Presidentes, Superintendentes, Diretores, Gerentes e outros tomadores de decisão. Nota-se que entre o grupo de tomadores de decisão estão os Presidentes, Diretores Gerais de empresas, CFOs (Chief Financial Officer), COOs (Chief Operating Officer), Chief Diretor de Marketing (CMOs), Diretor de Informação (CIOs), Chefes de Unidades de Negócios, Proprietários, Gerentes Nacionais, Consultores de Negócios Sênior, Sócios-Gerentes, Fundadores, Co-fundadores, Consultores Globais Sênior, Representantes da Empresa nos países, Gestores Jurídicos e Sócios com funções estratégicas, além de Consultores Srs. e *Traders*. 43% dos respondentes são Diretores (23,1%) e Gerentes (19,9%) com funções de liderança e tomada de decisão (apud Zorovich, 2020).

Em relação do país de origem, apesar da concentração de empresas brasileiras, multinacionais de inúmeros países fizeram parte da amostra, incluindo empresas americanas, europeias, chinesas, sul-americanas, entre outras regiões.

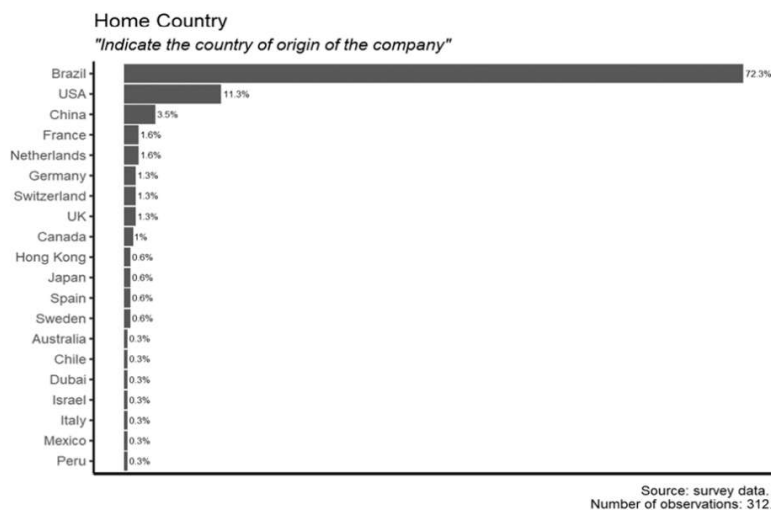


Figura 2 : Países de origem das empresas respondentes - %
Fonte : Survey data - número de observações (apud Zorovich, 2020)

Em termos de receita líquida anual das empresas, por um por outro lado, há prevalência de empresas com faturamento de até US\$ 500 milhões (67,6%); por outro lado, existem outras organizações com faturamento acima de US\$ 10 bilhões (12,2%). Para analisar toda a perspectiva, outros entrevistados trabalham para empresas cujo faturamento atinge entre US\$ 500 milhões e 1 bilhão (7,4%), seguido os grupos de US\$ 1 bilhão e US\$ 2 bilhões (6,4%), bem como entre US\$ 2 e 5 bilhões (6,4%) em 2018 (apud Zorovich, 2020).

Existe uma dispersão setorial ao analisar as respostas relacionadas aos setores em que os entrevistados trabalham. Tomando a classificação básica do questionário com Agricultura, Pecuária e Extração Mineral (1), Indústria (2), e Serviços (3), este último destaca-se como o principal setor (67,9%), seguido da Indústria (26%), e depois Agricultura, pecuária e extração mineral (6,1%), refletindo algumas tendências identificadas na literatura e evidências empíricas que sugerem mais esforços chineses para uma variedade de setores em diferentes fases (apud Zorovich, 2020).

Nos resultados da *Survey* e experimento, em relação à China, 84,6% (totalmente de acordo e parcialmente de acordo) das respostas mostraram provas de que os entrevistados apoiam as negociações com a China. No entanto, os entrevistados foram alocados aleatoriamente em 3 (três) grupos diferentes (Grupo A: Controle; Grupo B: Tratamento Positivo e Grupo C: Tratamento Negativo), e todos responderam exatamente às mesmas perguntas, exceto a última, e que chamou a atenção para as preocupações ambientais relacionadas à China. Entre esses entrevistados, 42,1% declararam-se a favor da imposição de barreiras à China, valor considerável relevante quando comparado a 23,9% no grupo controle. A diferença entre os grupos A (controle) e C (negativo) é estatisticamente significativa ($p = 0,008$), o que traz evidências robustas de que executivos *C-level* e tomadores de decisão do setor privado brasileiro mudam suas atitudes em relação à China quando são lembrados do tratamento que o país dá às questões ambientais ao relacioná-las ao investimento estrangeiro direto (IED) e ao comércio (apud Zorovich, 2020).

Considerações finais.

A Governança Corporativa se torna essencial na Cadeia Global de Valores (CGV), pois garante que os processos e estratégias caminhem em consonância aos objetivos da empresa, bem como da qualidade esperada pelo mercado. Essa qualidade está relacionada no atendimento às premissas do *Triple Bottom Line* e Objetivos de Desenvolvimento Sustentado (ODS) e a Sustentabilidade Ambiental se torna um dos fatores preponderantes para o desenvolvimento de negócios, tanto sob o ponto de vista da sobrevivência da empresa, bem como na opção por parte do consumidor. A valorização da sustentabilidade em seus mais diversos aspectos cria uma consciência em valores maiores para a empresa e sua imagem, criando mecanismos de retorno social e dando maior significância ao *core business* diante do mercado. A Governança Social permite uma visão mais ampla entre os diferentes *stakeholders* que fazem parte do processo produtivo.

No decorrer do tempo, a China aumentou a sua presença na Cadeia Global de Valor (CGV), participando em todas as etapas do processo produtivo, incluindo desde a montagem até o produto final. Com isso, incorporou solidamente na economia global. Esse movimento não foi isolado e foi resultado também de outras economias desenvolvidas, como a norte-americana e a europeia. A qualificação de empresas brasileiras interessadas no ingresso e desenvolvimento de negócios no território chinês é significativo, tornando-se um dos roteiros de negócios mais procurados. Dentro de uma visão mais ampla e das teorias discutidas neste artigo, têm-se a preocupação não somente de estar desenvolvendo negócios de acordo com a relação de demanda e oferta, mas sim estar integrado os negócios dentro de uma visão de sustentabilidade

ambiental, considerando empresas brasileiras como *stakeholders* verdadeiros e integrados aos objetivos de negócios, bem como adequados aos enquadramentos sociais e ambientais.

Referências.

- BAIR, Jennifer; GEREFFI, G. Local Clusters in Global Chains: The causes and Consequences of Export Dynamism in Torreon's Blue Jeans Industry. Disponível em <https://www.semanticscholar.org/paper/Local-Clusters-in-Global-Chains%3A-The-Causes-and-of-Bair-Gereffi/338a7f4ff83a011e092d22a5b1c862ed98f488db>, 2001. Acesso em 28/08/2022.
- BECK, U. Risk Society. Towards a New Modernity. London: Sage Publications; New Delhi: Thousands Oaks, 1998.
- BUZAN, Barry; WAEVER, Ole; WILDE, Jaap. Security: a new framework for analysis. Boulder: Lynne Rienner, 1998.
- CIFOR. Annual Report 2013: Forestry in the Global Landscape. Available at Accessed October 10 2019.
- FERREIRA, L.C.; BARBI, F.; GIESBRECHT, M. Global Environmental Change: Environmental Policies in China and Brazil - Pg. 99-122 . In Tempo do mundo / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – v. 2, n, 1, (jan. 2016). – Brasília: IPEA, 2016.
- FURTADO, Celso. O mito do desenvolvimento econômico. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- GEREFFI, G.; KORZENIEWICZ, M. Commodity Clains and Global Capitalism, Praeger, Westport, 1984.
- GIDDENS, A. Mundo em Descontrole. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 2000
- GLOBAL CARBON PROJECT. Disponível em < <https://www.globalcarbonproject.org/>>. Acesso em 30/08/2022.
- GLOBAL WITNESS – Annual Review 2009 . Disponível em https://cdn.globalwitness.org/archive/files/pdfs/2009_annual_review.pdf Acesso em 10/05/2019.
- GONG, P. Mudança no Uso do Solo e na Urbanização a Partir da Década de 1980 na China. In: FERREIRA, Leila da C.; ALBUQUERQUE, José Augusto G. (Org.). CHINA & BRASIL: desafios e possibilidades. São Paulo: Annablume; Campinas: CEA, Unicamp, 2013.
- HOPKINS, Terence K.; WALLERSTEIN, Immanuel. Commodity chains in the World-Economy Prior to 1800. Disponível em < <https://www.jstor.org/stable/40241052>>. New York: Research Foundation of State University of New York, 1986.
- HUANG, X. et al. Environmental issues and policy priorities in China: a content analysis of government documents. China: An International Journal, v. 8, n. 2, p. 220-246, 2010.
- HUMMELS, D.; ISHII, J.; YI, K-M. The nature and growth of vertical specialization in world trade. Journal of International Economics, Amsterdam, v. 54, n. 1, p. 75-96, Jun. 2001.
- IISD. Sustainability Impacts of Chinese Outward Direct Investment: A review of the literature - IISD REPORT, 2016.
- KEE, H. L.; TANG, H. Domestic value added in exports: theory and firm evidence from China. World Bank Policy Research Working Paper, Washington, n. 7.491, Nov. 2015.
- MACBEAN, A. China's environment: problems and policies. The World Economy, v. 30, n. 2, p. 292-307, Feb. 2007.
- MANAGI, S.; KANEKO, S. Chinese economic development and environment. Cheltenham: Edward Elgar Publishing, 2010.
- NAÇÕES UNIDAS. Comércio Global deve desacelerar, após recorde de US\$.28,5 trilhões em 2021. Disponível em < <https://unric.org/pt/comercio-global-deve-desacelerar-apos-recorde-de-us-285-trilhoes-em-2021/>>. Acesso em 30/08/2022

- NAÇÕES UNIDAS (ONU). Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentado. Disponível em <https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustentavel>. Acesso em 04/09/2022.
- NESREA Laws and Regulations (2020). Disponível em <https://www.nesrea.gov.ng/publications-downloads/laws/regulations> Acesso em 10/05/2019.
- OLIVEIRA, A. P. A China abraça a causa verde. In: MOREIRA, A.; RAMALHO, P. (Org.). Estratégia. Lisboa: Instituto Português da Conjuntura Estratégica, 2011.
- SENNES, R. U.; BARBOSA, A. F. China-Brasil: uma relação multifacetada e dinâmica. In: FUNAG – FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO (Org.). Brasil e China no reordenamento das relações internacionais: desafios e oportunidades. Brasília: Funag, 2011.
- SLAPER, Timothy F.; HALL, Tanya. The Triple Bottom Line: what is it and how does it work?. Indiana Business Review, s/d.
- THE WORLD BANK. The World Bank in China. Disponível em <https://www.worldbank.org/en/country/china>. Acesso em 01/09/2022.
- TRADING ECONOMICS. China – PIB anual. Disponível em <https://pt.tradingeconomics.com/china/full-year-gdp-growth>, s/d. Acesso em 29/08/2022.
- UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT (UNCTAD). Global supply chains: trade and economic policies for developing countries. Policy issues in international trade and commodities. UNCTAD/ITCD/TAB/56, 2013. (Study Series, n. 55).
- ZHANG, Z. X. Energy and Environmental Policy in China. Towards a Low-carbon Economy. New horizons in environmental economics. Cheltenham, UK / Northampton, MA: Edward Elgar, 2011.
- ZOROVICH, M.R.S. The propensity of the Brazilian private sector to negotiate, join in and support trade and/or investment agreements with China that foster the attraction of Chinese Foreign Direct Investments (FDI) to Brazil. 170 pages. Thesis (Doctorate) - Institute of International Relations, University of São Paulo, São Paulo, 2020.
- WTO, Disponível em <https://www.wto.org/> Acesso em 01/09/2020.